

FRAGMENTOS

Pedro Henrique Magalhães¹

Após a corrida do ouro

Há exploração por todo lado. Opressões, mandos, hierarquias. Cegueiras coletivas. Rastros de violência que se alastram sem a menor chance de redenção, apenas vingança. Revide.

Os punks estavam certos já nos anos setenta: *no future*. Não há futuro. Sentiram, ao desertarem, como nenhum outro setor da época a decadência geral que se avizinhava.

Thomas Hobbes está prestes a tornar-se o maior pensador de todos os tempos, e isso pela negativa: a origem do Estado é, antes, seu fim – homem homem do homem. A barbárie *high tech* do terceiro milênio. Boom! dos drones inseticidas de gente. Disseram que vão reeditar o filme do segundo maior pensador brasileiro (seja lá o que isso queira dizer): ao vencedor as batatas – transgênicas e intoxicadas.

No ar o cheiro de sangue coagulado, podre. Carniça pros urubus do poder.

É como se depois de Serra Pelada não houvesse mais o que ser feito. Um bar, cachaça, alguma fumaça e aquele silêncio olhando pro nada do formigueiro de gente, nada da serra comida mais da metade. Menos da metade do que um dia se chamou de alma nos olhos de quem, enxergando, já nem consegue mais ver. Se visse ficaria cego, viraria ele mesmo: pedra.

Procura-se ouro e minério no interior do país.

A alma do ouro e do minério manuseada em número.

É como se, ainda sentados, víssemos a imagem do fim do mundo nos olhos de quem acabou de voltar do trabalho.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: pedro.magalhaes-7@outlook.com.

É como se depois de Serra Pelada não fosse mais possível ter olhos, porque é preciso ver alguma coisa.

Mas aí veio Carajás, Carandiru.

Crimes de maio em São Paulo, de novembro na Messejana.

Veio Belo Monte, Mariana.

Nunca se sabe ao certo onde fica o fundo.

Os punks nos anos setenta ainda eram uns putos de uns otimistas. O fim seria a redenção. O fim seria o: fim. Fim.

Já não podemos ser mais tão otimistas.

Por isso a palavra tem tato, como queriam os dadaístas, por isso a palavra tem que dar um tapa na face do mundo, que jamais oferece a outra.

Por isso o cinema precisa ficar mudo de novo, pra que se possa ouvir o gesto.

Por isso a Nise tava certa: "Cale a boca! Cale a boca! Só pare e observe um pouco". É preciso ouvir o gesto daquela criança calada, daquele doido que há uns dez anos amanhece dando giros em volta de si mesmo, tentando ser ao mesmo tempo sol e planeta, estrela e lua, constelação e galáxia.

Apenas cale por um momento a boca.

Porque quase ninguém viu uma fagulha de esperança se acordar enquanto a chuva caía e pedia pra que se respeitasse um pouco o tempo de ficar quieto. Porque simplesmente não há tempo de ouvir apelo nenhum se não puder ficar um momento quieto e calado.

Só um momento. Porque depois vai ser preciso falar. Porque depois vai ser preciso acertar o alvo bem no centro, e à longa distância.

O sentimento do mundo.

Mãos e olhos dispersos diante da fúria implacável do mundo. Da fúria incansável do mundo.

Ontem reprisaram Carlitos, mas quase ninguém teve tempo de ver.

Ontem contaram histórias que há muito não se ouvia, certas histórias que ainda precisam ser contadas, que ainda não se perderam, mas quase ninguém parou para ouvir. Mudo pras entrelinhas do mundo.

O poeta falou na língua de sinais alguns de seus versos antes de o mundo acabar às 7:45, e só aquela criança entendeu. Guardou consigo um novelo de esperança da mão falante do poeta.

Mãe de sonhos o poeta. Estão grávidos, gestam seres ainda não vistos, inventam flores, novos astros e odores na língua. Até tombarem diante da fúria do mundo.

Spartacus disse que precisava aprender com o poeta. Rimbaud não entendeu que a mão na enxada faz o mesmo que a mão na pena, não conheceu Patativa.

São decassílabos o roçado de milho e feijão. São cantigas de amor e amigo a leira de macaxeira e batata. São metáforas os pés de tomate e maracujá. Rimam à distância com os cachos de banana. E vão-se compondo poemas de frutas, flores e insetos. Aí veio a agricultura sintrópica e fez o mesmo que Rimbaud com a linguagem.

A coruja de Minerva...

A coruja de Minerva alçou seu voo raso no céu do fim da história – em pleno século XXI –, na cidade de mais de um milhão de fios, no 5º ano pós-apocalíptico.

Coruja intoxicada, ambulante, pedinte, se alimentando com os pombos na Praça do Ferreira.

Smog à frente da vista cansada, melancólica, bem antes do entardecer. *Bitcoins* nos espaços de jogatina mundiais; armas químicas numa Síria prevista por quem? – Daniel, Isaías, João? Buracos negros e um *loop* tentando mediar o subatômico e os gigantes astros celestes espalhados pelo cosmos sem fim.

A *arqué* poderia ser uma frequência de onda-partícula, deixando todos os metafísicos boquiabertos, menos Krishna, quem sabe, mas ainda assim lhe faltaria a palavra criadora de Deus no gênese bíblico, o logos ordenador do caos na cosmologia dos filósofos gregos antigos, o verbo que se fez carne, segundo João.

A filosofia todinha, a história humana toda seria uma realidade tridimensional: pensamento, linguagem, ser. Representação (*Vorstellung*) ou apresentação (*Darstellung*), entravam em querela os alemães (Kant e Hegel); nome etiqueta das coisas ou realidade essencial, entravam em querela os gregos (Crátilo de Platão) e medievos (querela dos universais); até mesmo o pretensioso Aristóteles, “O Filósofo”, segundo Tomás, teria a face corada vendo suas quatro causas – meio, fim;

forma, conteúdo – sendo substituídas por quatro grandes forças da physis científica contemporânea: força nuclear forte e fraca; campo eletromagnético; força gravitacional.

Mas ainda assim lhe faltaria a alquimia do verbo, o intangível significado, aquela coisa fantasmagórica que habita em nós, aquela centelha, aquela dobra que nos faz infinitos, ainda que circunstanciados por forças tridimensionais (altura, largura, profundidade), sendo a memória, o tempo, uma justaposição linear de imagens, como no cinema – a quarta dimensão, a sétima arte. Sabe-se lá quantas dimensões ainda haveriam: memória arquetípica da espécie; herança estelar presente nos ossos; algo além do espaço-tempo. Mais do que sete selos – sete cores, sete chakras.

Essa dobra é o pensamento, dádiva e maldição, potência infinita e ínfima, fantasmagórica, habitual circunstanciação egóica – na ponta do iceberg brilhando sua luz em código morse binário clamando por um resgate.

Fariseu, hipócrita, doutor da lei. A quem se fala do ar, como metáfora, e não se entende – entenderia algo do céu, se acaso lhe contasse? Beberia da minha água? Nasceria de novo pelo espírito? Melhor seria se não enxergasse, porque então lhe seria revelada a simplicidade do que chama de fonte criadora, Deus, céu, Pai, ser... Um estranho tipo de amor uniu o céu e a terra (imagem ainda vertical, é bem certo), um estranho tipo de amor lhe reconectou com a parte que lhe faltava, o outro, reconectando-os, assim, em algo próximo do que chamam de comum, comum a muitos, comum a todos – os seres: do inorgânico ao orgânico semipensante.

Seria preciso crer para entender – Isaías? Agostinho? Seria possível demonstrá-lo logicamente, ontologicamente, por necessidade pensante, racional, dominicano Tomás? Seria um demiurgo contemplando essências, puras formas, ideias (eidos)? Seria um motor imóvel, puro ato? Seria ser e nada mais? Seria essa sua assembleia, essa sua retórica, essa sua humana condição a medida de ser e não ser? Demonstraria Deus como condição, pelo infinito, de tua consciência angustiada com o nada, com a dúvida cética, na clareira da tua sala de estar, garantido-a também como coisa extensa? Ou seria uma só, substância autocriadora, autopoietica, com seus atributos e modos? – Imanência, imanência, imanência, *conatus* é a tua condição – condenação – danação. Seria, enfim, esse teu apocalipse histórico da Ideia, a autoconsciência, pensamento e ser, lógica e ontologia, se separando e se reconciliando no espaço-tempo, nessa vil história de ressentimento e

reconhecimento, de mútua exclusão e dependência entre senhor e escravo, nesse romance de formação – ou seria drama trágico, barroco? – do Espírito que Wilhelm Meister algum um dia compreendeu? Hoje faz aniversário o Estado de Israel, dia de esperança para eles e da tua desgraça, querido árabe, mas não sucumba ao terror da vontade particular; seria preciso, antes, atravessar o deserto de gelo da abstração para alcançar o filosofar concreto, seus cimos luminosos – seria, talvez, pedir muito.